



ENTREVISTA

**COLETTE DANTAS:
TRAJETÓRIAS E
RECORDAÇÕES DE UMA
VIDA DEDICADA À ARTE**

Jória Motta Scolforo

Doutoranda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo

Taynna Mendonça Marino

Mestranda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo



Colette Dantas

Cenógrafa e atriz, Colette Dantas participou de diversos espetáculos cênicos e musicais. Arquiteta Urbanista e mestre pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pesquisa e desenvolve projetos de Arquitetura Cênica. Como educadora e gestora cultural trabalhou na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Universidade Vila Velha (UVV) e Secretarias de Estado e Municipal da Cultura. Nesta entrevista Colette traz as suas vivências e o interesse pelo Teatro Melpômene, edifício construído no final do século XIX no Centro de Vitória.

RAPEES: Colette, conte-nos um pouco sobre a sua formação e trajetória profissional.

Colette Dantas: Eu venho primeiro das artes, muito nova comecei no teatro, isso em Recife, onde fui criada. Lá participei de um grupo com uma referência muito forte em Olinda, no Teatro “Hermilo Borba Filho”. Iniciei também a minha formação em Educação Artística na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde tive a oportunidade de ter alguns grandes professores como Ariano Suassuna. Dali eu fui para o Sudeste, morei dois anos no Rio de Janeiro e depois segui para o Espírito Santo. Nessa época já estava graduada em arte e com experiência no teatro. Cheguei a Vitória e continuei minha trajetória, estudando e me aperfeiçoando, especialmente nos campos da cenografia, do figurino e da atuação.

Posteriormente, enquanto eu estava trabalhando na gestão de cultura, na Prefeitura Municipal de Vitória, na administração de Vitor Buaiz, tive a oportunidade de fazer algumas inserções na cidade, projetos que ainda existem na atualidade. Foram criadas, por exemplo, a Lei Rubem Braga e a Escola Técnica Municipal de Teatro, Dança e Música (FAFI). Na FAFI, eu acompanhei a implantação do projeto junto ao arquiteto e algumas coisas me incomodaram como cenógrafa e atriz. Em algum momento eu o desafiei: “ainda vou fazer arquitetura para te dizer como se faz um espaço cultural” e briguei para a praça ter piso liso e pela correta iluminação do auditório. Voltei a sentir uma grande paixão que eu tinha, a arquitetura, e resolvi arriscar o vestibular. Passei e anos depois

fiz o mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Minha formação é eclética, passeando pelas artes visuais e cênicas. Eu me fixei, principalmente, na questão do espaço cênico, onde se representa e acontece a cultura. É um desafio bem contemporâneo atuar em uma espécie de película entre a arte e a arquitetura. Nesse sentido eu me sinto confortável, mas não me sinto quando olho para esse mundo cheio de caixinhas e que nos obriga a viver nessas caixinhas.

RAPEES: Por que a escolha pelas artes?

Colette Dantas: A arte era uma coisa que já vinha em mim. Minha mãe me colocou no ballet aos dois anos. Ela era professora de dança, uma das poucas da cidade. Desde criança eu me envolvia nos teatros da escola, da igreja. Ainda menina, quando eu me imaginava em uma profissão, era sentada em um cavalete, ao ar livre, pintando uma paisagem.

RAPEES: Recentemente você desenvolveu o projeto “Revivendo o Melpômene”. Por que o interesse especificamente nesse objeto?

Colette Dantas: Esse é um projeto que eu destaco dentro da minha atuação nas artes, porque ele é justamente o resultado de todo esse hibridismo e também do meu percurso. O Teatro Melpômene tem alguns aspectos que me deixaram bastante interessada em mergulhar na sua história. Primeiro, porque ele é um edifício de teatro. No componente arquite-

“Desde criança eu me envolvia nos teatros da escola, da igreja. Ainda menina, quando eu me imaginava em uma profissão, era sentada em um cavalete, ao ar livre, pintando uma paisagem”.

tônico ele é um elemento que tem significativa importância para a paisagem urbana. Essa paisagem que é para mim cotidiana, a Praça Costa Pereira, pois sou moradora do Centro de Vitória há anos. A Costa Pereira exerce um poder de centralidade muito forte, principalmente no que concerne às áreas artística e cultural.

De repente eu descobri, por meio de um grande amigo e parceiro de teatro, Agostino Lazaro, que trabalhava no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo na época, as plantas desse edifício. Prédio este que se tornou o grande objeto da minha vida enquanto pesquisadora. Não tinha como não buscar descobrir o que tinha de mistério nesse edifício, que disseram que pegou fogo. Como pegou fogo assim do nada? Um edifício de madeira que tinha personagens envolvidos em situações bastante curiosas, mas que estavam todas ocultas e perdidas. Era um mistério! Eu sempre gostei de mistério e o Melpômene me intrigou realmente. Queria descobrir mais coisas. Eu pensei, então, em como popularizar essas plantas, fazê-las chegar ao público.

Veio-me a ideia de trazer essa história, por meio de uma equipe de pesquisadores, observando esse edi-

fício sobre vários aspectos da história, das memórias daquelas pessoas, do cotidiano, da arquitetura intrigante de madeira, da região, que era de pescadores, ali não era um espaço da cultura naquele momento. Era interessante que um ponto de destaque na cidade fosse colocado em um ambiente de pescadores e não na Cidade Alta, onde vivia a burguesia capixaba. Surgiu, após, a vontade de disseminar esse estudo em diversos suportes. Era importante registrar em um livro, era relevante promovê-lo visualmente, surgiu desta forma, a exposição, e ainda por meio do teatro, de onde veio a intenção de montar um espetáculo. E por que não a virtualidade? Oportunamente montamos um site que registrou todo esse trabalho e está online.

RAPEES: Qual era o lugar ocupado pelo Teatro Melpômene na sociedade capixaba na transição do Império para a República?

Colette Dantas: Naquele momento existiam vários grupos teatrais, as “Sociedades Dramáticas”. O edifício do Melpômene surgiu de uma delas. As Sociedades Dramáticas reuniam grupos intelectuais e as pessoas que movimentavam a cultura da cidade no final do século XIX. Elas traziam cenas do cotidiano a partir das comédias de costume, que era o tipo de encenação comum naquela época, mas não existiam espaços tecnicamente adequados para a prática do teatro. Não se tinha em Vitória, por exemplo, teatros no modelo italiano, que era o modelo tradicional implantado em várias cidades do Brasil. O Melpômene surge do desejo de Muniz Freire, um dos diretores do grupo da “Sociedade Dramática Melpômene”. É ele quem consegue o terreno com o governo: um lote na Praça Costa Pereira, antigo Largo da Conceição. Adquire também recursos para construir o teatro. Logo após ele falece e o grupo não consegue seguir com esse sonho.

A Sociedade Dramática empreende uma tentativa de conquistar um espaço e cria um pequeno teatro na atual Rua José Marcelino, próximo à Catedral e à igreja de Santa Luzia. Muniz Freire havia morrido e o

“Um edifício de madeira que tinha personagens envolvidos em situações bastante curiosas, mas que estavam todas ocultas e perdidas. Era um mistério! Eu sempre gostei de mistério e o Melpômene me intrigou realmente”.

sonho dele estava no ar. O filho dele, governador do Estado nos anos de 1882 a 1886, que também se chamava Muniz Freire, resolve resgatar isso. Ele estava na época promovendo um crescimento urbano significativo para o Espírito Santo. Foi ele que provocou a contratação e a criação do projeto de expansão da cidade para o Norte, o Novo Arrabalde. Por que não trazer aquilo que era o símbolo, o ícone de uma sociedade moderna, um teatro? Eu imagino que ele devia estar junto com o pai quando ele lançou a ideia, lá atrás, em 1872. No território da Costa Pereira ele fez o Theatro Melpômene, que significa “musa da tragédia”, inaugurando um movimento cultural cênico significativo para Vitória.

RAPEES: No livro “Revivendo o Melpômene” você contextualiza alguma das principais características do teatro brasileiro da segunda metade do século XIX. Como o Theatro Melpômene se aproxima ou se distancia desse panorama nacional?

Colette Dantas: Eu trago esse panorama até para demonstrar que o Melpômene estava inserido nesse

contexto em que o teatro era um elemento representativo no Brasil inteiro e no mundo. Precisava-se de um edifício teatral na cidade, mas ele, contrariamente ao mais comum no período, não é feito de alvenaria, ele é elaborado em madeira, um material perecível, que era visto na época como inferior, que servia para constituir barracões, casas temporárias e de pessoas que não tinham condições. O Edifício Central, enquanto ícone de uma edificação de cultura, mantinha toda uma identificação simbólica com a sociedade burguesa e intelectual. Grupos estes que contestavam a madeira. Apesar disso, o projetor da obra, Filinto Santoro, tira algumas vantagens com o uso desse material, por exemplo, na constituição da acústica. Além disso, o local possuía uma beleza e formato que não deixavam nada a dever aos demais prédios teatrais construídos nas outras capitais brasileiras.

RAPEES: Pensando no âmbito local, quais eram as principais características do cenário urbano de Vitória e como o Theatro Melpômene se inseria dentro desses aspectos destacados?

Colette Dantas: O Theatro Melpômene estava em uma região que começava a ser urbanizada. Antes de ele ser erguido houve todo um período no qual se falava, se programava e se pensava nele, sem efetivamente ocorrer a construção, que ocorre em 1896. Já existia a Rua Sete, mais ou menos até onde está o Bar Bimbo, mas a partir dali havia um pequeno riacho que descia até a Costa Pereira e alagava tudo. Havia algumas casas, mas em uma ocupação completamente desordenada. Quando o Melpômene vai para lá, há um alinhamento, porque ele foi implantado exatamente na esquina da Rua Sete com a Costa Pereira. Não havia a Graciano Neves. Aquele local era um pequeno cais de pescadores e a Igreja Nossa Senhora da Conceição estava ao lado. Quando começa a se espalhar a notícia da construção do teatro a Igreja Católica se sente ofendida e resolve retirar a igreja. Ela vende o espaço para o governo, que desapropria a igreja e leva a imagem embora, em uma precis-

“Existia uma fala popular que dizia que o teatro ia pegar fogo. Ele nem tinha sido construído e já afirmavam que ele ia sofrer algum incêndio, porque ele era de madeira. Esse era o cenário que a gente tinha: um cais de pescador, uma igreja que se desloca e um ambiente que começa a se modificar”.

são na qual os participantes caminharam reclamando a edificação do teatro. A igreja se sente ofendida moralmente, porque a religiosidade e a arte cênica eram distantes.

Além disso, existia uma fala popular que dizia que o teatro ia pegar fogo. Ele nem tinha sido construído e já afirmavam que ele ia sofrer algum incêndio, porque ele era de madeira. Esse era o cenário que a gente tinha: um cais de pescador, uma igreja que se desloca e um ambiente que começa a se modificar. Antes, as pessoas para irem ao teatro tinham que pisar em um chão de barro. Durante vários anos houve reclamações, até que se fez a calçada em torno do Melpômene e depois o calçamento da rua. Isso tudo com o teatro já erguido. Nesse contexto a Cidade Alta era o local onde estavam os poderes, a burguesia da cida-

de, as famílias mais nobres e as instituições. Ao colocar o teatro na parte de baixo se inicia um processo expansivo. E dali outros pontos surgem, como o Cine Éden na Rua Sete. Eu vejo o Melpômene como um espaço pioneiro na organização desse movimento.

RAPEES: Com o passar do tempo, por meio das mudanças urbanas como os aterros e calçamentos, houve a discussão entre os moradores, inclusive na imprensa, que um teatro de madeira já não combinava mais com esse espaço que se pretendia moderno. Como ocorreu esse processo?

Colette Dantas: O teatro sempre teve um mito de amaldiçoado. Existia a maldição da igreja, existia a maldição dele ser de madeira e pegar fogo, tinha a maldição dele estar em um local alagado, onde se dizia o tempo todo que ele ia boiar, tanto que ele não foi inaugurado no dia previsto, choveu muito em Vitória e derreteu a pintura, ele ficou completamente alagado e a cidade embaixo d'água. Ele foi inaugurado no dia 23 de maio de 1896, que foi inclusive, o último dia de Muniz Freire no Governo. Na administração de Florentino Avidos havia também um movimento forte de modificação da cidade. Foi um segundo processo de mudança dessa urbanidade. Havia também, claro, os bastidores políticos e as inimizades. Tinha-se, portanto, um Governador que desejava colocar a assinatura dele no espaço do teatro. Ele então aproveitou que a maldição virou realidade quando houve um pequeno incêndio na cabine de projeção durante a exibição do filme “Ordens Secretas”. No outro dia o local foi interditado. Não houve um grande incêndio. O que houve foi pânico. Gritaram “fogo” e todo mundo saiu correndo apavorado do último andar que era o balcão, por uma única escada e ela cedeu. Duas pessoas morreram e muitas se machucaram. Foi dito nos jornais que o projetor foi salvo por um menino de 16 anos, que era o projetor. Ele, com a ajuda de um policial, tirou da cabine esse projetor do local que estava pegando fogo. Mais uma prova de que não houve um grande incêndio. Houve um princípio de fogo que queimou essa cabine, mas quando

esse fato acontece aparece, uns meses depois, todo um plano urbanístico já pronto, englobando a Chácara Muniz Freire e o entorno da Costa Pereira. Menos de seis meses depois e o Melpômene aparece no projeto com a legenda “a retirar”. Surge, atravessando por ele, a Rua Graciano Neves.

O atual “Teatro Carlos Gomes” surge no novo projeto, ou seja, ele não foi feito após o incêndio, ele já vinha sendo planejado. Pode-se dizer que o fogo foi o estopim de uma ideia que já se encontrava em andamento. Retirou-se o velho teatro de madeira, que ameaçava o tempo todo pegar fogo e que representava, também, outras forças políticas. Era preciso um novo espaço com a assinatura do Governo. E quem fez esse teatro, ironicamente, ou não? André Carloni, que ainda menino era auxiliar de pintor no Melpômene. É ele quem projeta o Teatro Carlos Gomes, para isso compra o material do Melpômene, como as colunas que sabemos que ele usou no novo edifício. Ele faz um projeto com um formato interno parecido com o do teatro antigo, mas com o exterior já em um estilo eclético e de alvenaria.

RAPEES: Após o fechamento do teatro, de que forma ainda ressoam os ecos da sua existência?

Colette Dantas: O Melpômene marca muitas questões na nossa história. Foi o primeiro edifício teatral nos moldes necessários a um bom teatro. Foi o primeiro local de cinema em Vitória, quando em 1902 exibe o “Biógrafo Lumière”. Foi o primeiro edifício a ter luz elétrica. Foi o primeiro espaço onde se formou uma rotina de artes cênicas e audiovisual no Espírito Santo. Ele tem um papel muito significativo e as memórias dele a gente conseguiu reunir. Elas estavam todas espalhadas. Acho que tem muitas lacunas ainda e desejamos que outros pesquisadores possam seguir as pistas. A maior reverberação dele, para mim, está no uso que ele gerou naquele ambiente. Se não houvesse a provocação de Muniz Freire para trazer um teatro a um local onde não seria a lógica ele estar, provavelmente aquela região seria um lugar de comércio ou residencial, mas não... o Melpômene

Retirou-se o velho teatro de madeira, que ameaçava o tempo todo pegar fogo e que representava, também, outras forças políticas. Era preciso um novo espaço com a assinatura do Governo. E quem fez esse teatro, ironicamente, ou não? André Carloni, que ainda menino era auxiliar de pintor no Melpômene”.

trouxe a força da cultura. Ele criou uma rotina que não havia na cidade de Vitória, motivando o aparecimento de outros pontos. Eu vejo a relevância do Melpômene quando, por exemplo, eu olho para o Carlos Gomes, vejo também o Melpômene continuar dentro do Glória, ele está presente ainda quando observo os grupos de teatro se apresentando, as performances, os músicos, enfim, ali na Praça Costa Pereira. Acho que esse é o maior legado dele.

RAPEES: Você acredita que houve uma valorização maior do projeto de André Carloni com o Teatro Carlos Gomes em comparação ao do Melpômene?

Colette Dantas: Eu percebo que tentaram apagar, com fogo mesmo, a memória do Melpômene. Como



Cartão postal com reprografia colorida do Theatro Melpômene; 1906; Vitória; Acervo Coleções Especiais da Biblioteca Central da UFES; Série Mário Aristides Freire; Referência: 297.



Praça Costa Pereira e o Hotel Imperial em Vitória (edifício rosa de quatro pavimentos ao centro), onde se localizava o Teatro Melpômene.

se tudo tivesse pegado fogo. Era como se tudo nele não existisse e não tivesse a menor importância. E quando a gente vê o Carlos Gomes, ele tem uma planta que traz muito do que era o Melpômene. O volume da edificação, internamente, é muito próximo. Eu diria que na época que o Carlos Gomes foi feito, ele já estava quase ultrapassado para aquele período. Arquitetonicamente já estávamos entrando em outra fase de constituição dos espaços daquela natureza. A prova disso é o Teatro Glória, que em período similar, tem um formato diferenciado. Ele tem uma plateia bem mais frontal e o cinema com uma boca de cena larga, ao contrário do Carlos Gomes, que ainda mantém um formato ferradura, mais tradicional, com as ordens de camarote e balcões, tal qual o Melpômene, o que reflete a vivência do Carloni no antigo teatro. Ele foi criado ali, talvez tenha sido a primeira experiência dele na arte e arquitetura. É claro que para ele era mais interessante que a memória ficasse com o edifício que ele fez. Não o estou criticando por isso, mas para ele somou positivamente o fato de querer esquecer politicamente o Melpômene, apagar por algum motivo a memória do teatro. Alguns pesquisadores do Muniz Freire comentam a resistência política a ele. Então, há também os interesses. Por que apagar a memória de algo tão significativo para a cidade? Ele pode não existir mais, mas ele fez com que tudo isso hoje estivesse ali. De uma maneira muito forte.

RAPEES: O seu trabalho no livro “Revivendo o Melpômene” permite trazer à tona essa memória apagada. Como essa publicação pretende modificar esse esquecimento no qual o Melpômene foi envolvido?

Colette Dantas: A ideia foi exatamente essa. Descobrir o que há por trás dessa história toda e trazê-la à tona. É uma pesquisa que perpassa diferentes questões, como a história daquele contexto e dos grupos que existiam naquela época, que é o capítulo do historiador Rogério Piva. Há também a imersão na vida cotidiana do teatro, com a participação da cientista social Diovani Favoreto e o artigo do cientista social Agostino Lazaro, que traz uma crônica sobre os espaços teatrais na cidade. Há ainda a minha participação na obra, na qual abordo a arquitetura do edifício. Com esse conjunto, tentamos entender os processos desse meio urbano, inclusive aqueles que levaram à desativação do espaço cultural. Penso que a nossa missão é fazer com que esse livro chegue ao maior número de pesquisadores, buscando refletir o apagar de algumas memórias em função de outras, quando, na verdade, só temos a somar ao preservá-las. Queremos provocar e dar uma base para que mais estudiosos possam, a partir dessas pesquisas, achar novos vieses e colaborar para a composição desse quebra-cabeça.

